



**REVISTA PRIS-MA, TOMO XXV / 1 E 2, N.ºS 49-50 (DEZ. 2009) -
PAYSAGES CRITIQUES DE L'IMAGINAIRE, I, 207 P.**

183

A revista – editada pela Équipe de Recherches sur la Littérature d'Imagination au Moyen-Âge (ERLIMA) do Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale (Universidade de Poitiers), fundada por Pierre Gallais e actualmente dirigida por Pierre-Marie Joris –, apresenta, neste número, dez contribuições.

Variando entre a análise de texto e o estudo de síntese, os ensaios privilegiam a época medieval, ainda que outras épocas, designadamente a Antiguidade, também sejam convocadas no conjunto. Parece subjacente ao pequeno, mas denso, tomo, o objectivo de efectuar uma revisão crítica de estudos sobre o imaginário, em particular no campo específico do imaginário literário.

Nesta perspectiva, alguns ensaios efectuam uma análise de texto, como é o caso dos de Dominique Boutet – «Le *Jeu de la Feuillée*: "bricolage" et poétique de l'imaginaire» –, de Florent Coste – «*Universus tempus presentis*. Images et usages du temps dans *La Légende Dorée* de Jacques de Voragine» –, e, com um conjunto de fontes mais alargado, de Jean-Marc Pastré – «L'imaginaire à l'œuvre: invariants et variables mythiques dans les romans de Tristan» –, autor que, na senda de Lévi-Strauss, demonstra que os mitos sofrem alterações ao mudar de narrador (p. 114) e, heurísticamente, guia o leitor através de vários mitos que enformam várias versões da obra medieval tristaniana.

Com um intuito semelhante, mas partindo de um conjunto de fontes diversas, encontram-se vários outros ensaios.

No texto «La parole ratchetée. Imaginaire marchand et économie du signe dans le récit médiéval (XII^e-XIII^e siècles), Carlos F. Clamote Carreto demonstra que a figura do mercador e o signo monetário podem ser estudados enquanto temas ou motivos que abalam e transformam o imaginário feudal e enquanto significantes textuais isomorfos de uma poética da narrativa em constantes mutações, ainda quando esta se manifeste em textos de géneros diversos (p. 29), ou mesmo de épocas variadas.

Em «L'imaginaire des pierres», Claude Lecouteux analisa os lapidários antigos e medievais, salientando aqueles cujo imaginário associa pedras a virtudes e a estados de espírito humanos, continuando com a recensão de romances medievais onde estas características são reutilizadas. Classificando-as em dois grupos – as pedras propiciadoras e as pedras protectoras (p.83-84) –, o autor salienta, por fim, a sua utilização pela magia, pela medicina e pela religião.

Ainda no mesmo conjunto, o dos artigos que recorrem a fontes variadas, encontra-se, depois, o contributo de Éric Palazzo – «L'imaginaire de la liturgie de l'église au Moyen Age et sa réception dans le Nouveau Monde après la Conquête» –, texto que retoma o da conferência inaugural do Colóquio *El Mundo de los Conquistadores*, realizado no México (4-6 de Junho 2008). Neste ensaio, o autor apresenta a obra *La Civilisation féodale*, de Jérôme Baschet, para, em seguida, se dedicar ao imaginário do espaço sagrado no ocidente medieval – espaço ritual cristão enquanto local exterior ao da igreja, circunscrito, nomeadamente a natureza, espaço original do sagrado daquela civilização e das culturas ameríndias (p. 96-97) –, salientando a relação entre natureza e cultura. O altar móvel cristão é apresentado como o



símbolo, por excelência, desta relação (p.99). Esta é ainda simbolizada através dos dramas litúrgicos (na sua progressiva passagem do espaço fechado da igreja, ou do mosteiro, para o espaço laico da cidade, designadamente nos espaços sul-americanos conquistados), bem como na aculturação de rituais ameríndios presentes na iconografia europeia (p. 105).

184

Segue-se «L'imaginaire du temps dans l'histoire chrétienne», de Jean-Claude Schmitt, que relembra que o ritmo semanal, a organização do ano litúrgico, segundo «un double cycle lunaire et solaire» (p. 135), e a concepção linear e finalizada da história são as três características do tempo cristão. Segundo o autor, o imaginário do tempo cristão inscreve-se no movimento, incessante e em duplo sentido, que (inter)liga os três vértices da relação aberta que estabelecem os textos (sagrados e apócrifos), as imagens (imagens materiais e imagens imateriais da memória) e o imaginário propriamente dito. Num interessante percurso pelos *construtores* textuais do tempo, e das Idades do Mundo, o autor faz uma paragem na obra de Pedro Comestor, a *Historia Scholastica*, e apresenta as alegorias ali instituídas, salientando que além de personagens e acontecimentos do texto bíblico, Comestor insere no seu texto alguns «*incidentia*» (p. 138) de origem pagã. Já no que à imagem da «*chaîne du temps*» (p. 139) diz respeito, o autor parte do *Saltério de São Luís ou de Branca de Castela*, explicitando, com detalhe, como o desenrolar do tempo se traduz, ali, em imagem. Acrescenta, ainda, neste mesmo sentido, como o faz a genealogia, designadamente a de Cristo, apontando o rolo, e a obra de Pedro de Poitiers, por oposição ao *codex*, como meio de o conseguir (p. 145). Alguns outros casos, também laicos, dignos de nota são ainda apontados, destacando-se a menção a alguns incunábulo, que apontam ainda, por sua vez, para um outro imaginário (cor)relacionado com o do tempo: o geográfico.

Já «De l'imaginaire allégorique à l'imagination allégorique», d'Armand Strubel, aproxima o *Roman de la Rose* e a *Pèlerinage de Vie Humaine* para reflectir sobre a alegoria e a imaginação, situando a intercepção do texto e da imagem na dialéctica do processo mental de visualização e construção verbal e/ou pictórica, enquanto acto da responsabilidade do leitor e não do escritor. Dito por outras palavras, o autor introduz na reflexão o «monde imaginal» de Corbin (p. 166) e condu-la por entre os véus da retórica, seus tropos e figuras, enquanto modalidades de representação.

Assumindo plenamente o intuito de revisão crítica de estudos sobre o imaginário, encontram-se os dois últimos ensaios da obra: de Joël Thomas e Karin Ueltschi, respectivamente.

No primeiro, «De l'Énéide à l'Eneas. Pour une approche comparative et systématique de l'imaginaire littéraire», o autor faz uma revisão crítica da história do imaginário durante o século XX, salientando a «réconciliation entre tous les antagonismes» (p. 176) que permite a integração da complexidade própria do acto criativo no acesso ao real. Exemplificando, J. Thomas apresenta o conceito de *recepção* nas ciências humanas (Jauss). O processo, porque de processo de (re)encontro, de actualização do (auto-)conhecimento se trata, faz-se através de continuidades e fracturas, de perenidade e ruptura (p. 178 e 181), nas palavras do autor. À primeira o autor associa os temas da viagem e da fundação, exemplificando com as obras «*Énéide*» e «*Eneas*»; à segunda as estruturas antropológicas do imaginário, tal como definidas por G. Durand, salientando a diferente presença das mesmas nos dois textos. E a ruptura é ainda apresentada ao nível do tempo e do discurso, diversos nas duas obras, e é também apontada, pelo autor do ensaio, como a separação



entre o mundo dos deuses e do humano, na primeira, e real e imaginário na segunda (p. 184).

No segundo, «La mythocritique (panorama)», a autora acentua a crescente multidisciplinaridade que se tem introduzido nos estudos medievais, uma tendência influenciada pelos próprios estudos sobre o imaginário. E aponta ainda, como objecto do seu trabalho, as metodologias de investigação que enriquecem «la médiévistique» (p. 190) e permitem aceder ao imaginário (p. 196-202). Neste percurso cunha algumas expressões que deverão servir para delimitar o *corpus* da exploração crítica (p. 191), e considera crenças e tradições populares, contos populares e de fundo mítico ou de carácter oral para o englobar. Termina com uma revisitação de obras, autores e centros de investigação dedicados ao imaginário.

De estrutura e orientações diversas, o conjunto de ensaios não deixa de assinalar aspectos fundamentais do imaginário. E para finalizar esta breve nota sobre o que, em nossa opinião, de mais assinalável, para os estudos sobre o imaginário, se encontrou neste número da revista, importa referir que o tomo se lê com bastante interesse e muito agrado, ainda quando não se seja especialista na matéria. Com efeito, analisando temas ou motivos tradicionalmente abordados pelo imaginário (a narrativa, o tempo, as imagens, os símbolos, temas e motivos, ...), o volume poderá ainda servir para uma primeira abordagem, em alguns casos também metodológica, da área do saber em que se inscreve. Cabe a cada leitor aproveitar as muitas lições que encerra.

Margarida Santos Alpalhão

CEIL